

INFORMATIVO

COLLECÇÃO

OUTONO | 2019 | ANO IV - Nº 13



Escola Waldorf
Francisco de Assis



EDITORIAL

por Tereza Racy

“Aprender a mudar o mundo”

“Uma classe Waldorf é um microcosmo do mundo. Qual melhor lugar para trabalhar os conflitos que surgem sempre que os indivíduos precisam trabalhar juntos? Qual o melhor lugar para se tornar você mesmo e aprender a se tornar um membro da comunidade?” (tradução livre de um pensamento de Roberto Trostli, professor Waldorf, escritor, conferencista e educador de Adultos.

Esse pensamento traz em si a essência da proposta da Trimembração do Organismo Social feita por Rudolf Steiner no período que antecedeu à primeira guerra mundial, ocasião em que tentou propor uma saída para evitar o conflito que seria deflagrado.

Infelizmente não foi ouvido nos círculos governamentais de Berlim. Não obstante sua proposta não ter sido acolhida, Steiner foi ouvido por muitas pessoas da sociedade que sonhavam com um mundo melhor. Os ecos de um livreto publicado por Steiner e intitulado “A educação da criança segundo a Ciência espiritual” tocou profundamente Emil Molt, dono da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, que abrigaria a primeira escola Waldorf. Mas o germe da Escola Waldorf Livre já se fazia sentir no trabalho desenvolvido com os funcionários da fábrica, que recebiam palestras sobre assuntos pedagógicos sociais, cursos de língua estrangeira e acompanhamento pedagógico para os filhos dos funcionários. O coração de Emil já abrigava a ideia da sociedade Trimembrada delineada no “Apelo ao povo alemão e ao mundo cultural” e, posteriormente no livro “O futuro social”, publicados em 1919. Nesse ambiente caótico e violento surge a Pedagogia Waldorf, como um raio de luz em direção ao futuro, que neste ano completa seus 100 anos. Que trajetória!

Nós, membros do Grupo do Informativo esperamos poder contribuir neste ano, em suas quatro edições, para trazer um pequeno vislumbre do significado dessa Pedagogia para construção de um mundo melhor. Tendo como base o incomensurável ensinamento de Steiner, façamos no nosso microcosmo algo que se revele em beleza e grandeza no macrocosmo.

SUMÁRIO

- 04 | REFLEXÃO DE ÉPOCA**
O Ser humano atual à Luz da Antroposofia
- 08 | O DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO**
Sonho realizado
- 12 | FOLHA LIVRE**
A Natureza Trimembrada da Sociedade
- 14 | FALANDO COM O DOUTOR**
A Pedagogia Waldorf comemora 100 anos... E agora?
- 16 | A VOZ DA COMUNIDADE**
Se meu filho está feliz, eu estou feliz
- 18 | É ASSIM QUE SOMOS**
Meu Caminho na Pedagogia Waldorf
- 20 | NOSSO ALIMENTO**
A Agricultura Biodinâmica: Solução para a Modernidade
- 24 | ACONTECEU NA FRANCISCO**
Sala Móvel + Carnaval
- 26 | NAFUNÇÃO**
Afeto e dedicação há 22 anos:
a história de Lourdes Freitas
- 27 | VIDA EM VERSO**

EXPEDIENTE

Editorial: Tereza Racy

Colaboradores: ; Elisabeth Sotrati; Fernando Andrade; José Carlos Machado; Lívia Gomes Ferreira Campanholi; Marco Antônio Araújo Clímaco; Roberto Dertoni; Rosa Crepaldi; Sarah Cardoso de Miranda Sant'Anna; Vania Maria Grigoletto; Vidal Bezerra; Thiago Borazanian.

Projeto Gráfico e Diagramação: Felipe Kertes

Capa: Photo by Alexandra Marcu on Unsplash

Fotos: Arquivo EWFA

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA) e é distribuído gratuitamente.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem prévia autorização dos artistas ou do editor do Informativo.

Sugestões, comentários e críticas para secretaria@ewfa.com.br

Av. Basileia, 149 | Lauzane Paulista | São Paulo - SP
CEP 02440-060 | (11) 22310152 | (11) 22317276

www.ewfa.com.br



Escola Waldorf
Francisco de Assis

WALDORF
100

LEARN
TO CHANGE
THE WORLD

waldorf-100.org



REFLEXÃO DE ÉPOCA

O Ser humano atual à Luz da Antroposofia

por Marco Antônio Araújo Clímaco | Professor de Filosofia e Literatura do Ensino Médio, e Tutor do 9º ano da Escola Waldorf Rural Turmalina

É provável que o ‘ser humano atual’ seja o primeiro exemplar da espécie a fazer jus a este título com pleno direito, e não mais apenas como grupo humano pertencente a um tempo histórico específico e à sua respectiva atualidade, vista de um momento posterior da história. A atualidade é mesmo o seu elemento e seu lugar de eleição e, embora por tanto tempo perseguida e ambicionada, a sua conquista se atesta hoje sobretudo no fato de que o ser humano atual já não faz muito conta dela, como se já não pertencesse mais a tempo nenhum. Se o Fausto de Goethe aposta com Mefisto, oferecendo sua própria alma por prêmio, que este jamais o veria dizer ao ‘instante’ (a atualidade por excelência): Oh, para! És tão formoso, é porque sabia bem que esta eternização da atualidade pode decidir da glória ou da perdição do gênero humano e que, portanto, não convém deixá-la sob a custódia do diabo.

Visto como um conjunto de referências e vivências que fossem de algum modo determinantes para sua orientação no mundo e na vida, o passado vem se tornando ao homem contemporâneo de dia para dia mais estranho. Não é que ele não

se relacione com o passado de nenhum modo, senão que passa cada vez mais a consumi-lo à imagem e semelhança de sua atualidade, quase nunca partindo do reconhecimento do valor intrínseco de algo que venha do passado e exija uma transformação de sua sensibilidade para ser acolhido e devidamente compreendido; mas sim a partir de um interesse estritamente pessoal e uma identificação ‘espontânea’, que podem ser satisfeitos sem que lhe seja preciso sacrificar algo de seu em troca, e deixando por isso intocados suas referências e valores habituais.

Com um misto de orgulho e displicente indiferença, tão típico de nossa época, o homem atual se rejubila secretamente com essa situação, como se uma vez chegada a esse ponto a evolução humana tivesse cumprido sua meta e não houvesse muito mais que fazer por aqui a esse respeito. Se quisermos dar um nome a este difuso sentimento, é à indeterminação, moral ou anímica, que seria preciso atribuir este grande feito, graças ao qual a civilização acredita ter liquidado as suas contas com o passado sem perceber muito bem (embora o sinta com clareza e inquietação crescentes no fundo da alma) que

esse mesmo triunfo lança um pesado e nebuloso véu sobre o seu futuro. Rudolf Steiner via a coisa de outro modo.

À luz da Antroposofia, com efeito, a tarefa do indivíduo de nossa 5ª época cultural – a da alma da consciência – consiste em tornar-se consciente daquilo que o determina – dos seus instintos, também se poderia grosso modo dizer –, e não negar-lhes ou dissimular-lhes o seu poder de determinação. Logo no 1º capítulo de sua seminal obra *A Filosofia da Liberdade*, Steiner cuida de desfazer esse equívoco, sustentando que a questão da liberdade não tem que ver com ser ou não ser de algum modo determinado, mas sim com adquirir consciência daquilo que nos determina.

Não por acaso, toda a primeira parte do livro (*A ciência da liberdade*) culmina na vivência intuitiva do pertencimento, da unidade originária do ser humano com a natureza, a cultura e a totalidade do cosmo; cada experiência fundamental na conformação da trajetória evolutiva humana segue atuante, não apenas como algo de exterior, mas como algo que constitui e determina cada indivíduo na medida mesma em que permanece inconsciente de seu poder de determinação (creio que era mais ou menos o que Shakespeare tinha em vista, ao afirmar que ‘jogamos o passado no abismo, mas nos esquecemos de voltar para ver se está bem morto’...).

Na Filosofia da Liberdade, o reconhecimento dessa unidade primordial do homem com a ‘natureza’ (no sentido mais amplo possível, não apenas em sua expressão material) é, contudo, uma atribuição daquele atributo humano que mais se afastou dela, o ‘elemento final da criação’, que nos é mais próximo e íntimo, mas que ao mesmo tempo trouxe conosco os vestígios dessa natureza quando dela nos separamos: aquele pensar que, quando vivenciado ou puro, se reconhece como uma autêntica atividade individual, e não obstante isso como manifestação de um mundo de conceitos e ideias fundado em si mesmo.

Para Steiner, a realidade verdadeira ou ‘complexa’ pode então se manifestar nesta confluência do individual e do universal que o indivíduo experimenta como uma ‘representação mental’ – aquela mesma que, aos olhos de muitas das mais influentes tendências científico-filosóficas dos tempos recentes, é a responsável por afastar irremediavelmente o homem de qualquer

conhecimento verdadeiro, enclausurá-lo em si mesmo e lhe deixar, para consolo de seu isolamento e desamparo, aquele poderoso e inebriante sentimento da sua indeterminação: a ideia de que nada haja de acessível ao entendimento humano que pudesse valer como verdade e orientá-lo decisivamente em suas escolhas, para além de suas preferências pessoais.

Com isto em mira, talvez já não seja tão difícil compreender duas das mais peculiares características da Pedagogia Waldorf, essa pedagogia que reconecta a criança e o jovem com todo o passado do gênero humano e com a ‘criação’, que os sintoniza decididamente com a atualidade e os transforma em germes e portadores de um futuro que a humanidade já quase não se atreve a imaginar sem que lhe corra um frio pela espinha: quem nunca se surpreendeu e admirou com esta forma de colocar ao alcance da criança – não apenas a título de informação, mas recriando-os de tal modo que ela possa de fato vivenciar as etapas fundamentais da trajetória da humanidade – desde as canções e recitações em idiomas antigos, passando pela fabricação do papiro, das runas em barro, e chegando na preparação e redação com a pena e mais tarde com a caneta tinteiro – para ficar apenas em um exemplo aleatório?

Desta necessidade de apropriar-se verdadeiramente do passado para fincar bem os pés no presente e preparar um futuro capaz de alicerçar a genuína liberdade, origina-se a segunda das características mais essenciais da Pedagogia Waldorf – e também da própria Antroposofia: o privilégio anímico e heurístico atribuído à imagem, sobretudo no trato com a criança em desenvolvimento. Assim como a ‘representação mental’, tal como a define Steiner na Filosofia da Liberdade, também as imagens são instâncias intermediárias entre o passado e o futuro, o universo e o indivíduo, e que quando verdadeiras, asseguram a unidade fundamental do ser humano com a totalidade da natureza e do cosmo, mas apenas na medida em que esta unidade compreenda também o inevitável processo de separação do indivíduo com a natureza material e a sua recriação e elevação futuras ao nível do espírito.

Com isso voltamos à questão original do ‘ser humano atual à luz da Antroposofia’. Como indivíduo que desdenha o passado e parece correr livremente e sem amarras em direção ao futuro, o ser humano atual forja para si uma imagem do mundo em que não vivencia como algo real o seu passado, para ele verdadeiro, de pertencimento à



natureza, enquanto o futuro que vivencia efetivamente se faz sentir cada vez mais como a sombra de uma quimera. E ele não poderá sair desse impasse enquanto não se decidir a reconhecer que as determinações do seu agir, embora reais, situam-se no campo das representações e imagens que desenvolve para si, e não em qualquer natureza material que o determina para além de sua consciência possível.

Rudolf Steiner insistiu muitas vezes que o problema do materialismo não consiste num conhecimento exaustivo do elemento material, mas no seu conhecimento insuficiente e diletante, que não chega a ser levado às últimas consequências. No que se refere à representação, isso quer dizer que o ser humano atual admite a impossibilidade de jamais saber se o mundo material é realmente tal qual se apresenta à nossa consciência – como o supõe um realismo ingênuo – mas ao mesmo tempo continua aceitando que esse mesmo mundo incognoscível determina materialmente tudo aquilo que ele pode ou não pensar, sentir e conceber. Com seu pensar, ele se afasta da natureza, mas apenas o suficiente para concluir que tudo quanto pensa não passa de um subproduto dela, sem nenhuma realidade em si mesmo que pudesse servir de lastro e dar subsídio às suas ações.

Apenas quando se decidir a assumir a realidade – embora não material – das imagens e representações, e a buscar no seu próprio pensar (o ‘elemento final da criação’) a força capaz de recriar a sua perdida unidade com a natureza num nível superior, poderá o ser humano atual se afastar da natureza sem encontrar nisso o ensejo para uma falsa liberdade, que ele confunde ainda com a sua indeterminação – mas sim para uma autêntica determinação que é, a despeito disso, o caminho para a verdadeira liberdade. Esta, a ponte que liga o conhecimento à ética, a primeira à segunda parte (*A realidade da liberdade*) da Filosofia da Liberdade.

Assim como a natureza material existiria ‘lá fora’ pronta e acabada, para o ‘realista-ingênuo’, também a pessoa que pondera motivos e princípios que a orientem em suas escolhas sempre espera deparar-se com princípios racionais impessoais e objetivos que, uma vez encontrados, a deixariam agir com o sentimento de que nada a determina, como se aquilo que valeu para uma ação passada ainda pudesse garantir o êxito de uma ação presente. Mas é justamente no momento de agir que o ser humano tem essa

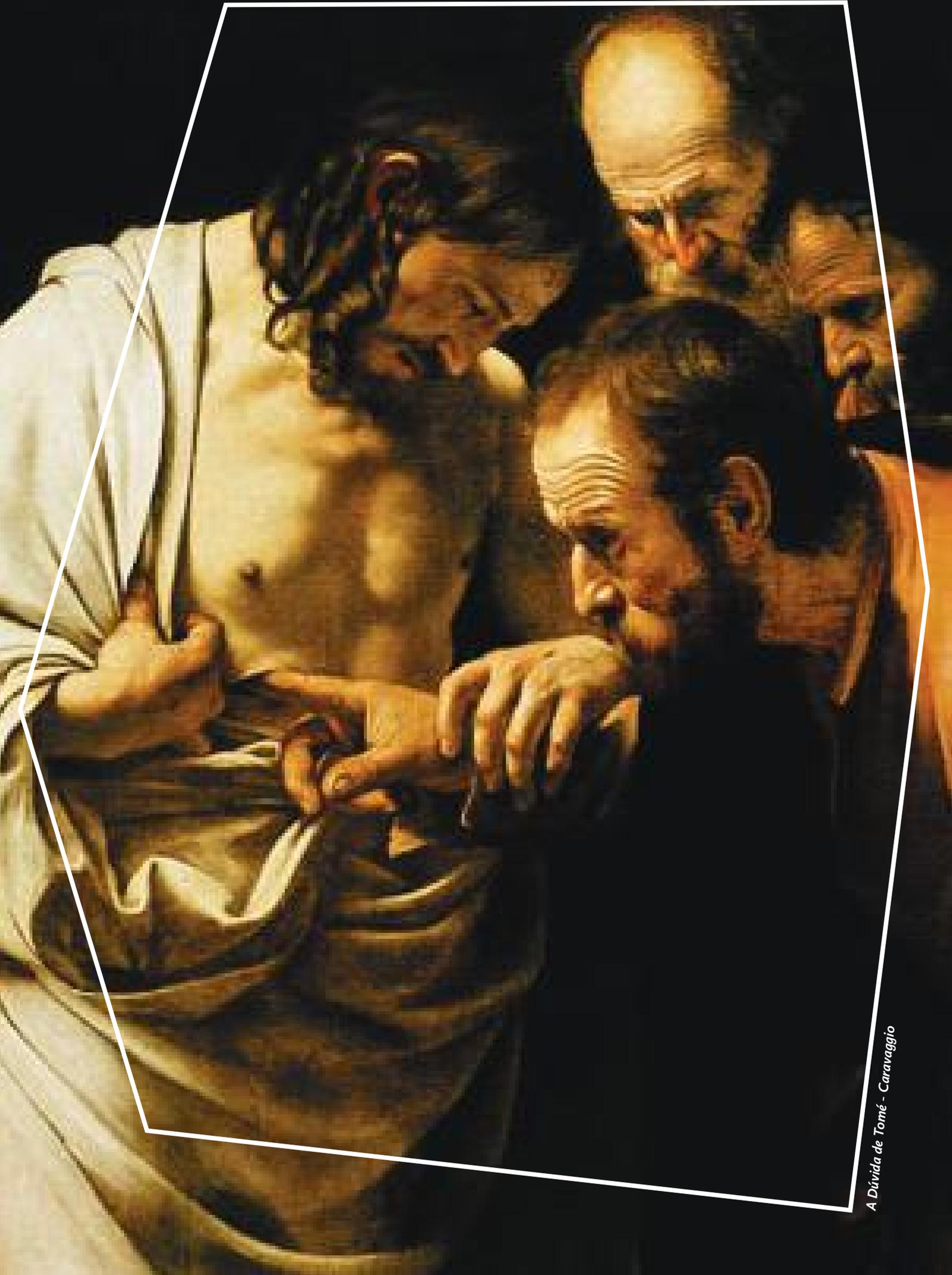
oportunidade única de, reconhecendo que suas representações individuais são inescapáveis e que nada além delas pode determiná-lo, agarrar-se a elas e, assim como Ulisses fez-se amarrar em seu mastro, não se deixar por nada arrastar pelo canto de sereia dos princípios universais-impessoais.

Se puder desse modo conservar-se incansavelmente ativo em não ceder à indeterminação do agir habitual, sua representação individual poderá finalmente coincidir com a ideia do homem livre, que ainda não existe, mas que apenas no instante da ação pode acenar do futuro e fecundar o ser humano atual com o genuinamente novo de que cada ação presente tanto necessita – o amor à ação –, do mesmo modo que seu pensar individual ativo pôde convergir com o mundo espiritual originário e selar o pertencimento do ser humano a toda criação e evolução universal na vivência intuitiva do pensar puro.

Nestas vivências rigorosamente delimitadas do passado e do futuro, mas que se complementam, reforçam e justificam mutuamente no conhecimento universal e na ação individual, pode o ser humano atual encontrar uma chave para escapar ao aturdimento e incerteza de uma atualidade que Mefisto ainda insiste em adornar aos seus olhos e lhe vender, ao preço de sua alma, como total ausência de tempo; e por mais onipresente que o ruído da polarização se faça ouvir na atualidade, não deixará de penetrar nela, pelas frestas daquelas duas vivências complementares, a advertência discreta e eloquente de Rudolf Steiner, de que ‘tanto faz ser espiritualista ou materialista, chega-se ao mesmo pelos dois caminhos, basta ir até o fim: se pensarmos o material até o final, então ele se tornará algo espiritual na imaginação; e quando se observa o anímico-espiritual e se adentra em sua realidade, ele deixa de ser uma abstração e aí se estrutura, tornando-se imaginável’. ■

Marco Antônio Araújo Clímaco

Professor de Filosofia e Literatura do Ensino Médio, e Tutor do 9º ano da Escola Waldorf Rural Turmalina; Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (UFG); Mestrado em Filosofia (UFG); Doutorado em Teoria e História Literária (UNICAMP); Pós-doutor em Língua e Literatura Alemã (USP); pesquisa e leciona há mais de 10 anos a vida e obra de Goethe e sua relação com a Filosofia de Rudolf Steiner; Professor das seguintes disciplinas em Cursos de Formação em Pedagogia Waldorf: Teoria do Conhecimento; Filosofia da Liberdade; Biografia de Rudolf Steiner; Questão Pedagógica como Questão Social; Ex-integrante do Conselho Editorial da Editora Antroposófica; Revisor de livro para as editoras Antroposófica e João de Barro.



A Dúvida de Tomé - Caravaggio



DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO

Sonho Realizado

por Tereza Racy | Fotos: Nathália Rodovalho (Arquivo da Faculdade Rudolf Steiner)

Se você pudesse se sentar num café, num final de tarde, para uma conversa com Rudolf Steiner, o que você contaria sobre a contribuição do Brasil para a Antroposofia?

Os lindos olhos azuis de Melanie Mangels Guerra se abriram, ao mesmo tempo que um amplo sorriso, confirmando que a grande notícia seria a criação da Faculdade Rudolf Steiner, a primeira iniciativa no mundo.

Ex-aluna Waldorf, enfermeira, professora de classe e agora envolvida na formação de adultos, Melanie traz em sua fala e, principalmente, em sua biografia o resultado de um sonho realizado: a possibilidade de proporcionar para o âmbito da Educação no Brasil uma visão dos conhecimentos enunciados na Arte da Educação, de Rudolf Steiner, num discurso acessível, não dogmático, de compartilhamento de saberes, com conteúdos dialogados e não revelados.

A sua trajetória inicia em 2012 com a elaboração do projeto para a Faculdade. Duas colegas,

Florência Guglielmo e Paula Levy, unem-se a ela em 2013, somando forças. Neste mesmo ano o Instituto de Desenvolvimento Waldorf foi criado pela Associação Pedagógica Rudolf Steiner, entidade filantrópica e sem fins lucrativos, que desde 1973 patrocina o curso de Formação de Professores Waldorf. O IDW preparou o campo para a vinda da Faculdade, promovendo cursos e diálogos entre autores. Importante frisar que o IDW, asfaltando o caminho para a Faculdade, promoveu diálogos ambientando a Pedagogia Waldorf com discursos mais acessíveis e menos dogmáticos; abriu espaços de investigação de preceitos, onde se partilham saberes, fazendo um caminho de estudos, atentando para a observação goethenística, numa investigação conjunta com os alunos, trazendo para o mundo o valor da pedagogia Waldorf e a diferença que ela faz. “Na realidade trata-se de se colocar no mundo, como um movimento que serve para todas as escolas, especialmente as públicas”, arremata Melanie.

Em 2015 toda a documentação estava pronta,

atendendo às enormes exigências legais relativas ao espaço físico, como tamanho das salas, acessibilidade, biblioteca, salas de movimento, de apoio tecnologia, de prática artística, assim como plano de carreira para os professores e funcionários, entre tantas outras. Em 2017, aconteceram as avaliações formais pelo MEC/INEP, feita por avaliadores de outros Estados. O curso obteve nota máxima (cinco) e a Faculdade (instalações/parte burocrática), obteve nota quatro.

A Faculdade tem como missão “proporcionar aos indivíduos formação cultural e estética, teórica e prática, investindo no elemento transformador da educação alicerçada na perspectiva de um ser humano integral tal como concebido pela Antroposofia. Busca ser um espaço de experimentação que visa dar novo impulso à formação acadêmica, proporcionando ao ser humano caminhos próprios para um conhecimento efetivo da natureza, do homem e da sociedade, capacitando-o a atuar na tão necessária renovação das instituições e nos impulsos culturais contemporâneos.”

Melanie esclarece que a Faculdade tem três eixos: a Graduação em Pedagogia, Pós-graduação *lato sensu* (antiga Formação) e Especializações e a Extensão e Pesquisa.

A Graduação habilita o estudante para tudo da Pedagogia comum, mas acrescenta a parte artística, que “propicia ao aluno criar o repertório próprio, além de fazer um trabalho de sensibilização para lidar com o outro”, diz Melanie. Destaca ainda que a sensibilização é um processo pessoal, não só cognitivo; que através da parte artística, que ancora um olhar específico da Pedagogia Waldorf, há a efetiva possibilidade de um contato com um mundo mais interno, desvendando um caminho de autoconhecimento. O curso é estritamente presencial, com duração de quatro anos, com quatro mil horas aproximadamente e duzentos dias letivos.

Além disso ele é vivenciado, ou seja, os alunos se envolvem em Projetos de Atuação, que permitem uma conversa entre a teoria e a prática. São projetos supervisionados, onde os alunos entram em contato com diversas realidades, trazendo perguntas e questionamentos da sociedade para a sala de aula. Esses



estágios são feitos em creches e na Horizonte Azul. A partir dos temas que são trazidos, a Faculdade traz especialistas para facilitar os diálogos.

“Steiner era um homem de seu tempo! Ele conversou com todas as pessoas, do mais materialista ao mais espiritualizado ser. Ele era informado e participava do seu tempo”, diz Melanie. E acrescenta: “como nós devemos ser. Precisamos estar no nosso tempo. Se não quisermos estar no nosso tempo, não somos exemplo, por não nos envolvermos”.

A Pós-graduação *lato sensu* abarcou a “antiga Formação de Professores”, conhecida dos professores Waldorf, condição necessária para estar na sala de aula de uma escola Waldorf. Podem cursar interessados com formação em qualquer área, mas a Pós não habilita o aluno para estar em sala de aula. Nela há especializações em Ensino Infantil e Fundamental e Médio, além de Artes e Música.

“Todo esse projeto prepara o aluno para ter um olhar crítico. Os fundamentos não são dogmáticos, não há certo ou errado. Temos que caminhar no sentido de como entender o Steiner, sem receituários. O currículo é flexível. O aluno tem que ter condições de saber explicar o porquê das coisas. Objetiva-se dar autonomia para os alunos, através da prática, da pesquisa e do autoconhecimento”, assevera Melanie.

“O terceiro e último âmbito é a Extensão e Pesquisa, colocando-nos na sociedade, academicamente. Realizar pesquisas que embasam o conhecimento e publicá-las nas revistas especializadas são caminhos que começamos a trilhar” conta Melanie, indicando quatro docentes que estão desenvolvendo suas pesquisas: Elizabeth Flory; Luciana Betti; Marcelo Rito e Tarita de Souza, além da própria Melanie, Mestre pela Faculdade de Educação da USP. Os trabalhos foram iniciados o ano passado e deverão ser entregues até agosto desse ano.

Acredito que Steiner se emocionaria com tal iniciativa. Penso se ele faria alguma pergunta. Ele, que sempre aguardou que as pessoas, quando despertadas por suas falas, fizessem as perguntas. E se fizesse, qual seria? Suponho que perguntaria: Dentro desse primoroso projeto

onde está o Brasil? Melanie, talvez se arriscasse a dizer: estava esperando que me fizesse essa pergunta! E responderia “que além de estar em todo o conjunto programático da Faculdade, na experiência da vivência nos estágios, o Brasil está no Grupo de Estudos “Brasilidades”, coordenado por Glauce Kalisch e Luciana Sapia, onde se revisita a pedagogia, olhando para a nossa cultura, para a nossa música, para o nosso clima, nos estudos dos nossos alimentos, das nossas fibras, na pesquisa das nossas narrativas, trazendo para dentro o que é próprio do nosso ambiente. Estamos em busca da nossa identidade, na busca de temas brasileiros que podem ser colocados como universais”. Ao que, acredito, Steiner diria: sejam, pois, seres do seu tempo, sem perder, naturalmente, o olhar para a essência divina do homem, como ser intimamente ligado ao cosmo. Melanie finaliza com uma reflexão: “Estamos completando 100 anos da Arte da Educação e agora como será depois?”



A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos responsabilidade por ele”.

Hannah Arendt



Fotos da Aula de Artes da Graduação em Pedagogia, Profa Luciana Betti



Destaques

A **Universidade de São Paulo**, tendo conhecimento do aniversário de **100 anos da Pedagogia**, através do Prof. Elie Ghanem da Faculdade de Filosofia da Educação convidou a FRS para contar um pouco da história da Antroposofia/Pedagogia. Estão estruturando como tudo isso acontecerá.

Nos dias **17 e 18 de outubro** deste ano, no **Sesc Santo Amaro** acontecerá o **Congresso sobre A Pedagogia Waldorf** e seus Desafios na Contemporaneidade. Vale a pena conferir.

FOLHA LIVRE

A Natureza Trimembrada da Sociedade

por Roberto Dertoni | Consultor de desenvolvimento humano e organizacional, com formação em Trimemoração Social pelo Emerson College e Centre for Social Development, na Inglaterra.

klyaksun - br.freepik.com

A sociedade é um espaço múltiplo e complexo, difícil de apreender como realidade, mas é o espaço onde atuamos como indivíduos, onde lidamos com a atuação de outros indivíduos e onde nos construímos como humanidade. Portanto, a forma como percebemos a realidade social é muito determinante sobre como coexistimos como humanidade em nossa vida na Terra.

Há 100 anos, Rudolf Steiner fez numerosas palestras (e escreveu um livro também) sobre o que ele chamou de Trimemoração do Organismo Social. Em suma, sua abordagem descreve a vida social trimembrada em um âmbito espiritual/cultural, um âmbito político/jurídico e um âmbito econômico. Uma grande contribuição de Steiner, foi perceber que os anseios humanos pelos ideais expressos na Revolução Francesa, de Liberdade, de Igualdade e Fraternidade, são saudáveis quando aplicados cada um a uma determinada esfera da vida social e não saudáveis quando aplicados às outras duas esferas. À vida espiritual/cultural cabe a liberdade; à vida político/jurídica cabe a igualdade e a fraternidade é saudável quando aplicada à vida econômica.

Mas a ideia de Trimemoração Social não deve ser vista como um modelo que precisamos implementar na realidade! Ela é um arquétipo que se expressa na realidade, que podemos perceber por nós mesmos. Quer queiramos ou não, a realidade social é trimembrada. A questão então é percebermos essa trimemoração na realidade para agirmos de acordo com suas leis, no sentido de trazer saúde para a vida social.

Somos seres espirituais e estamos em constante desenvolvimento de nossas capacidades (âmbito espiritual/cultural, de desenvolvimento de capacidades). Vivemos num mundo material, onde temos necessidades de consumo para manter nossa sobrevivência física (âmbito econômico, de atendimento de necessidades). E além disso, convivemos com outros indivíduos e, portanto, precisamos regular essa convivência para que ela exista numa certa harmonia (âmbito político/jurídico, de regulação e acordos).

É importante percebermos como a vida espiritual/cultural exige a liberdade para

favorecer o desenvolvimento de cada indivíduo; como a vida econômica exige fraternidade para o atendimento das necessidades de todos; e como a vida político/jurídica exige igualdade para a harmonização de nossa convivência. E percebermos também que esses princípios já atuam na vida social, mas ainda de forma inconsciente. É nosso papel, como humanidade, tomarmos consciência da atuação desses princípios para atuarmos de forma a favorecê-los.

Como indivíduos, ansiamos por liberdade para nos desenvolvermos e expressarmos quem realmente somos, mas se permanecermos voltados somente para nós mesmos, tendemos a querer impor nossas próprias ideias aos outros, o que socialmente leva à massificação, à prevalência de uma única cultura, de um pensamento único.

Ansiamos também por termos nossas necessidades atendidas, para que não falte o pão nosso de cada dia, mas se permanecermos voltados somente para nós mesmos, tendemos a explorar a vontade dos outros para atendermos nossas próprias necessidades, o que socialmente leva à submissão e à miséria.

Ansiamos ainda por sermos aceitos em nossas diferenças, com direitos na sociedade, mas se permanecermos voltados somente para nós mesmos, tendemos a nos agrupar com outros iguais, pertencentes aos mesmos agrupamentos sociais, formando grupos de poder, o que socialmente leva à discriminação.

O social se dá basicamente no encontro com o outro, portanto para uma vida social saudável, cada um precisa se voltar para o outro e, ao invés de lutar por liberdade para si, buscar se interessar pelas ideias do outro, criando um espaço de liberdade onde cada outro pode se expressar livremente, seguindo seu próprio desenvolvimento, o que socialmente leva à liberdade de cada um no âmbito espiritual/cultural, o que leva à diversidade de expressões e de culturas.

E também, ao invés de lutar apenas por atender suas próprias necessidades, buscar se responsabilizar pela necessidade do outro, tomando-a como motivo de sua ação, o que socialmente leva à fraternidade no âmbito da economia, o que leva à sustentabilidade da vida na Terra.

E ainda, ao invés de lutar apenas por ter seus direitos reconhecidos, buscar aceitar o outro como ele é, com suas diferenças, reconhecen-

do-o como um igual em seus direitos, independente de sua origem, raça, religião, gênero, profissão, orientação política etc., buscando a criação de leis e acordos em que a voz de todos os envolvidos seja levada em consideração em igual medida, o que socialmente leva a uma harmonia na convivência humana.

Agir de acordo com as ideias da trimembração social nos levará a uma vida espiritual/cultural mais rica e diversa, a uma vida político/jurídica mais harmônica e a uma vida econômica mais sustentável. Mas temos duas principais dificuldades nesse caminho: (1) nossa tendência de enxergar a trimembração social como um modelo teórico e não perceber seus princípios intrínsecos na realidade e o que eles exigem de cada um de nós na vida prática; (2) nossa tendência ao egoísmo, de nossa consciência estar muito voltada para nós mesmos e não enxergar verdadeiramente o outro e agir ao seu encontro.

Esses princípios citados acima, podem ser expressos também na forma de leis sociais. Leis sociais que têm tanta validade quanto as leis naturais.

Para a esfera espiritual/cultural:

A mobilização de capacidades humanas será tão mais frutífera quanto mais o desenvolvimento humano se fundamentar na liberdade do outro; e será tão mais estéril quanto mais houver determinação alheia.

Para a esfera político/jurídica:

Os acordos serão tão mais sólidos e duradouros quanto mais se originarem com base na igualdade entre os envolvidos; e serão tão mais frágeis quanto mais poder for exercido por um dos lados.

Para a esfera econômica:

A satisfação de necessidades será mais adequada à vida de cada indivíduo, quanto mais resultar do interesse ativo pelo outro (fraternidade); e será mais padronizada e menos atendida, quanto mais se buscar o proveito próprio.





Mittelstufe | Henning Kullak-Ublick

FALANDO COM O DOUTOR

A Pedagogia Waldorf comemora 100 anos... E agora?

por Dr. José Carlos Machado | Médico Escolar

Em 23 de abril de 1919 Emil Molt, dono da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria convidou Rudolf Steiner para falar com seus funcionários sobre Educação. Foi recebido com desconfiança e certa incredulidade, afinal o que um suíço neutro e bem alimentado poderia saber sobre a realidade sofrida do pós-guerra?

No entanto, o palestrante conquistou seus ouvintes com suas palavras. Alguns deles perguntaram se seus filhos não poderiam frequentar essa escola que ele havia descrito. Desse desejo foi criada a base para a formação de uma escola, cuja pedagogia ainda inexistente seria única, voltada para todos, entre sete e quatorze anos, independente de classes sociais, sem dogmatismos, crenças religiosas ou políticas, estimulando os talentos individuais para tornarem-se socialmente produtivos. Steiner preconizava como alicerce dessa proposta a trimembração social: liberdade espiritual na vida cultural, igualdade democrática na vida jurídica e fraternidade social na vida econômica, conceitos avançados para a época e não completamente realizados ainda hoje.

Cem anos se passaram desde então. A Unesco declarou a Pedagogia Waldorf como a pedagogia

do século XXI. No Brasil as iniciativas ligadas a essa metodologia crescem vertiginosamente. De norte a sul do País encontramos jardins de infância e escolas de ensino fundamental recém-inauguradas e isso realmente precisa ser comemorado.

Visitando algumas dessas novas escolas, muitos me perguntam se empreendimentos desse tipo se encontram de fato aparelhados para representar a pedagogia em toda sua essência e plenitude. E a resposta vem com outra pergunta: - Que garantias existem que instituições mais antigas sejam as únicas capazes de fomentar essa pedagogia? Pois correm o risco de envelhecerem e com isso se tornarem também inflexíveis e estagnadas. Ou seja, basta ter uma longa biografia para que a escola se torne competente e dispense sua possível acomodação?

Se as jovens propostas trazem a inexperiência e o ineditismo, também costumam trazer o entusiasmo e o desejo de conquistarem seu “lugar ao sol” e essa oportunidade merece também comemoração.

Meu questionamento vem de encontro com os princípios que inauguraram em Stuttgart a primeira escola Waldorf, especialmente na fraternidade social que deve ser a base desse compromisso social,

do qual precisamos insistentemente recordar. Afinal é isso que nos diferencia das demais pedagogias.

Os pais são atraídos para matricularem seus filhos nas escolas Waldorf por vários motivos: participando das festas; visitando as escolas; observando as salas de aula e os trabalhos manuais que fazem parte do currículo; assistindo as apresentações de seus alunos, aos teatros, comparecendo aos bazares, enfim, tudo isso realmente é arrebatador e, encantados, acham que escolheram a escola ideal para seus filhos o que é, em parte, absolutamente importante. Mas existe também um compromisso e uma questão pedagógica que necessitam de reflexão.

Afinal o que temos assegurado sobre esse método pedagógico, de difícil execução, adorado por alguns, incompreensível para muitos, mas que vem crescendo numa proporção considerável nos últimos anos? São aproximadamente 300 iniciativas a cada ano, com aproximadamente 10.000 alunos somente aqui no Brasil, além de escolas desse tipo espalhadas pelo mundo todo, por exemplo, na China, Américas, África e Oceania. O que podemos oferecer de novo àquela criança que colhe seus ensinamentos?

Elas devem receber, antes de tudo, o entusiasmo de seus professores que se esforçarão em assegurar que seus talentos possam ser revelados e atuantes no mundo; que naturalmente serão acolhidas com suas limitações (posto que a pedagogia é inclusora desde sua origem), mas que não será cerceada dentro de seus entraves, ao contrário, deverá ser estimulada para vencer suas dificuldades e encontrar seu espaço nesse mundo. Essa é uma tarefa e um desafio pedagógico para pais e professores.

O verdadeiro conagraçamento acontece quando cada família se sente inserida na comunidade escolar como representante desse elo fraterno no qual todas as crianças da escola acabam fazendo parte de sua própria casa, pois existe acolhimento para tanto; quando esse ambiente escolar que recebeu seu filho possa também ser um local acolhedor para todos e que todos possam aprender um pouco mais sobre Antroposofia e tentar compreender o que seus filhos estão aprendendo. Para isso os grupos de estudo, as Cirandas de Pais, as atividades sociais, os encontros de classe, os passeios são a justificativa para que a atividade social possa promover além da fraternidade, a liberdade espiritual e a igualdade democrática como parte de nossas vidas.

Esse é nosso compromisso e devemos nos empenhar para que o tempo não transforme as instituições em pálidos retratos de épocas remotas, mas algo renovado, colorido, criativo, atual e estimulante. Isso sim vale comemorar, diariamente, como prova de conquista e renovação. ■

Nos acomodamos de fato quando ficamos seduzidos e deixamos que a monotonia existencial, a redundância afetiva e a indigência intelectual não sejam mais importantes para nós e nos confortamos com essa estagnação. Uma espécie de morte acontece aqui.”

Dr. José Carlos Machado

Alexandra em Johannesburg, Africa do Sul. Inkanyezi Waldorf school: Primeiro Jardim da Infância Waldorf



Crianças pintando na Escola Waldorf Steiner em Marrakech



Dr. José Carlos Machado
Médico escolar

(<http://www.youtube.com/c/AntroposofiaEmDia>)

e-mail - josecarlosnm@hotmail.com

(11) 989270689



A VOZ DA COMUNIDADE

Se meu filho está feliz, eu estou feliz

por Vania Maria Grigoletto | Membro do Grupo de Pais

A minha experiência de estar tanto tempo convivendo e ajudando na Escola Waldorf Francisco de Assis é fantástica. A cada ano sinto mais segurança de que meus filhos, um já formado pela pedagogia, e o outro cursando o 5º ano aprendem com motivação e coerência, sendo respeitado dentro da proposta do sentir, querer e pensar. Professores preparados e dedicados a uma educação que nos “ensina”, pais e filhos, a querer um mundo melhor e estar preparado para os desafios da vida.

Enquanto crianças são preservadas, tendo seus setênios compreendidos e estimulados procurando, por meio do brincar, desenvolver o aprendizado e o seu pensar, sempre buscando um desenvolvimento saudável que será a base de todo conhecimento que virá nos anos seguintes: “criança precisa ser criança”.

Já maiores continuam sua jornada sempre vivendo primeiro o conteúdo na prática, viagens pedagógicas maravilhosas, visitas a profissionais, estágio etc., onde vivenciam princípios como: eu respeito a mim, eu respeito a natureza e eu respeito você.

Desde o início sempre tive a certeza de que eles seriam educados por completo nessa Pedagogia do maternal ao Ensino Médio.

Tenho certeza de que um ser precisa ser nutrido, principalmente, em seu etérico, até o momento que ele esteja preparado para enfrentar o mundo e esse ciclo só se completa quando ele passa a entender quem é e o que pode fazer pelo mundo.

E assim que foi e está sendo novamente.

Se você quiser fazer algo para melhorar o mundo comece preparando seu filho para viver nele.

Gratidão a Rudolf Steiner.

Gratidão a todos os professores e funcionários da EWFA.

Gratidão aos meus filhos Gabriel e Giovani, pois é através deles que eu também estou me tornado uma pessoa melhor. ■



“Criança
precisa
ser
criança”

Vania Maria Grigoletto



É ASSIM QUE SOMOS Meu Caminho na Pedagogia Waldorf

por Sarah Cardoso de Miranda Sant'Anna | Auxiliar do Maternal | Fotos: Arquivo Pessoal

Meu caminho dentro da pedagogia Waldorf começou há pouco menos de vinte anos, quando entrei no maternal da Escola Waldorf Francisco de Assis, com dois anos. Infelizmente não tenho muitas memórias desta época, mas as poucas que tenho me trazem uma sensação muito boa. Com quatro anos passei para o Jardim. Lembro-me das brincadeiras, da hora do lanche e das histórias como se fosse ontem. Lembro também dos meus amigos e do universo que criávamos juntos.

Às vésperas de fazer sete anos passei pelo portal e comecei minha jornada no primeiro ano. Muitos dos meus amigos do Jardim passaram pelo portal comigo. Depois da professora Rosa Crepaldi, da professora Lúcia Kalaf, passamos a ser alunos da professora Alícia Parra Nobre. Foi ela que nos levou até o oitavo ano, sendo uma segunda mãe, acolhendo-nos, dando bronca, cuidado dos conflitos e nos ensinando muitas coisas com dedicação, carinho e conhecimento. Quanto mais os anos foram passando mais os vínculos de amizade dentro da classe se fortaleciam. As viagens chegaram e finalmente o Teatro. Em 2010 fizemos a peça “O Homem de La Mancha”. O Teatro, que é tão esperado, passou voando e deixou em mim muita saudade. Quando o oitavo ano chegou ao fim nos despedimos também da nossa querida professora Alícia. Foi uma despedida triste, porém necessária para iniciarmos outro capítulo em nossas vidas.

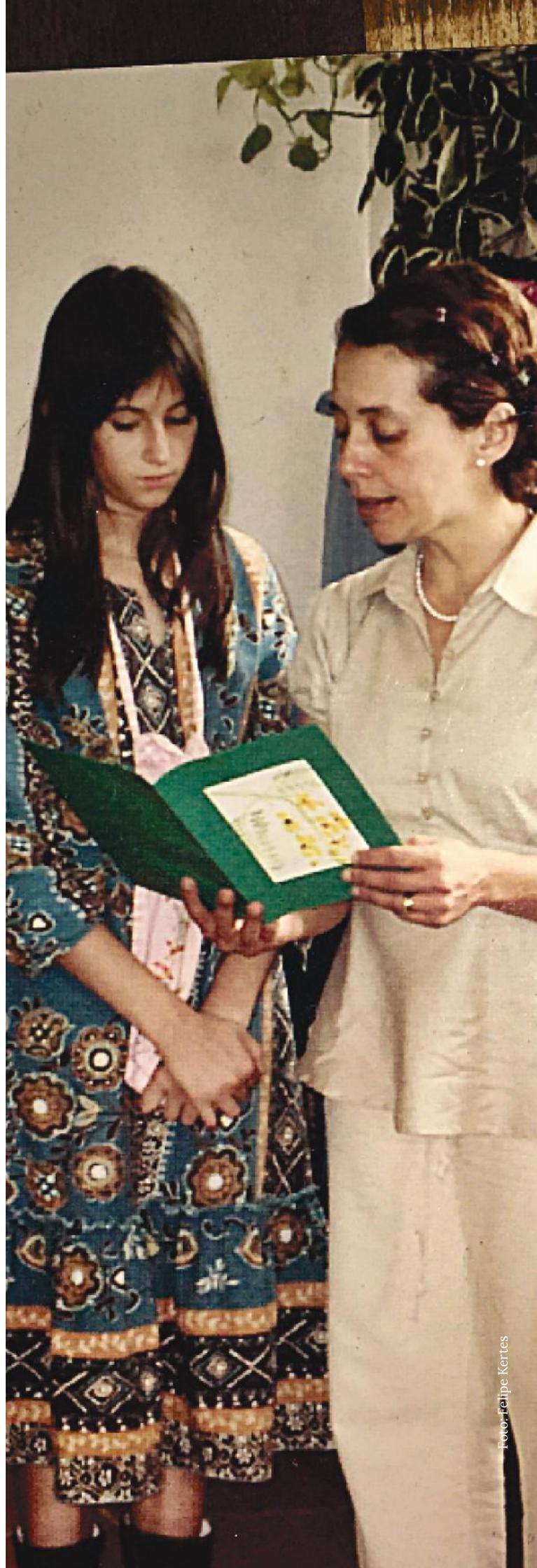
Era hora de começar o nono ano, no lugar do Professor de Classe teríamos tutores: o professor Sidnei e a professora Daniela. Este ano me trouxe algumas dúvidas pois ainda não tínhamos Ensino Médio e eu deveria, em conjunto com a minha família, pensar para que outra escola eu poderia ir. Felizmente o desejo da escola de ter o Ensino Médio, graças aos esforços de muitas pessoas, realizou-se e eu, muito contente, pude continuar meu caminho dentro da Francisco. Iniciei o Ensino Médio no escuro e fui descobrindo um mundo maravilhoso, cheio de novidades. Como minha sala foi a primeira turma, as dúvidas estavam sempre presentes, mas junto com elas uma vontade enorme de fazer tudo que nos era proposto. Desde o começo deste caminho nosso Tutor nos sugeriu que a viagem do 12ano, de História da Arquitetura fosse para Roma. Nós trabalhamos muito para arrecadar o dinheiro necessário e conseguimos realizar este sonho. O ano de 2014 acabou e com ele meu caminho na Escola Waldorf Francisco de Assis também.

O ano seguinte começou com uma pergunta gigantesca: “O que vou fazer já que decidi não prestar o vestibular?”. Felizmente tive a maravilhosa oportunidade de participar do grupo de Eurytmia que as professoras da Francisco tinham formado para participar do Congresso de Jovens na Suíça. Os ensaios e a viagem foram intensos e muito divertidos. Quando a Eurytmia acabou, a pergunta retornou.

Apesar de eu estar em dúvida sobre qual faculdade eu iria fazer em momento nenhum isso me incomodou. Eu tinha certeza de que na hora certa eu saberia. Já no final deste ano fui convidada para ficar de auxiliar da minha querida professora Rosa, no Maternal, durante um curto período. Essa experiência foi tão incrível que decidi que não tinha jeito, pois era mesmo o caminho da Pedagogia que eu tinha que seguir. Em 2017 entrei em uma faculdade tradicional de Pedagogia e junto com isso estava trabalhando como babá. Como a procura deste serviço era muito grande resolvi, em conjunto com a minha mãe, abrir um espaço de recreação na minha casa. A ideia deu tão certo que o Espaço Brincadeira de Criança está aberto até hoje. Eu estudava de manhã e trabalhava de tarde, mas a faculdade não estava me agradando. Nela eu me sentia muito desmotivada pois, em todas as aulas só nos eram colocados os problemas e dificuldades que encontraríamos na profissão, sem nos dar nenhuma perspectiva de que poderíamos mudar isso. Foi então que minha antiga professora da Francisco, Denise Seignemartin, ligou-me em dezembro para me falar que a Faculdade Rudolf Steiner tinha conseguido se concretizar e iria começar suas atividades com a graduação em Pedagogia no ano de 2018. Não tive dúvidas fiz a minha inscrição e felizmente fui aprovada. As aulas começaram e, meu Deus, como as coisas são diferentes lá. As aulas nos fazem pensar, debater e colocar formas de mudar a Educação. Estamos sendo preparados para poder dar aula em qualquer escola, o diferencial é que a forma com que os professores nos ensinam é através da pedagogia Waldorf e, ao contrário do que algumas pessoas pensam, para dar aula nas escolas Waldorf temos que fazer a Pós-graduação. Em abril de 2018 eu estava na escola Francisco de Assis buscando crianças para ir para a minha casa quando a dona Rose (da Portaria) me perguntou se eu iria enviar o meu currículo para ficar de auxiliar do Maternal. Na hora achei que não seria possível, mas mesmo assim mandei o currículo e, para a minha surpresa, fui chamada, retornando para a escola onde estive a minha vida toda, agora como professora auxiliar. No começo foi muito difícil minha cabeça fazer essa mudança. Usar o banheiro das professoras, por exemplo, me causava uma sensação de que aquele não era o banheiro que eu deveria usar. Participar das reuniões pedagógicas foi algo que, no começo, me dava muito frio na barriga e conversar com meus antigos professores agora como colegas também foi um processo. Porém, fui muito bem recebida por todos e agora já estou me sentindo em casa novamente.

Por fim, espero que minha jornada na pedagogia Waldorf não acabe nunca, sou muito grata a todos os meus professores da Francisco de Assis, que podem ter certeza marcaram meu coração e minha vida de uma forma muito especial. Sou grata por poder agora devolver para a Escola todo o acolhimento que ela me deu e poder passar todo esse carinho para os meus alunos e também sou grata por fazer parte da primeira turma da faculdade Rudolf Steiner que é a primeira faculdade Waldorf no mundo. ■

Foto: Sarah e professora Alicia





NOSSO ALIMENTO

A Agricultura Biodinâmica: Solução para a Modernidade

por Elisabeth Sotrati | Formada em Direito e Economia, Consultora em Agricultura Biodinâmica, co-criadora da Rede Colaborativa – SERAFIM que pretende ajudar na melhoria da produção de alimentos, especialmente os biodinâmicos, estimulando o processo de cura da terra e do homem.

INSPIRAÇÃO

A dissociação entre o homem e a Terra, o afastamento dos processos naturais de produção agrícola e a degradação do solo já eram motivos de preocupação para Rudolf Steiner e um grupo de agricultores membros da Sociedade Antroposófica, nas primeiras décadas do século XX.

Rudolf Steiner já anunciava que “melhorias” propostas para a produção agrícola voltadas exclusivamente para o lucro, eram enganosas.

Naquele momento já se evidenciava o uso de fertilização química, e a monocultura de grande escala que conduzia à exaustão do solo e afetava a qualidade nutricional dos alimentos.

A partir de 1920, Rudolf Steiner viria a propor alguns experimentos que ele considerava restauradores tanto para a terra quanto para o ser humano, com o objetivo de harmonizar as relações espirituais dos agricultores e de suas propriedades, diante do perceptível afastamento do “saber instintivo”.

Seus conselhos e ponderações sobre a vivificação do solo e da nutrição como subsídio determinante do futuro espiritual da humanidade foram ecoando nos círculos antroposóficos, culminando na realização do Curso Agrícola de 07 a 14 de junho de 1924, na Mansão de Koberwitz, na cidade atualmente denominada Wrocław na Polônia, quando foram proferidas palestras que resultaram na compilação dos Fundamentos da Agricultura Biodinâmica.²

O que se passou naqueles dias foi fruto da imensa generosidade de Rudolf Steiner que dividiu com os presentes, os fundamentos da prática de uma agricultura integrativa, permeada pelo equilíbrio e respeito às leis cósmicas, ratificando que o ser humano, os animais e a terra são parte de um grande conjunto de processos entremeados e que não deveriam ser fragmentados.

Ele ensina que a propriedade agrícola dever ser vista como um organismo, que ele chama de “individualidade coerente” e assim sendo, produzir dentro de seu próprio âmbito tudo aquilo

que ela necessite. Assim como o ser humano, que possui um corpo físico, um corpo etérico e um corpo astral, o organismo agrícola conta também com o corpo físico que é a terra, um corpo etérico que são as plantas e um corpo astral que são os animais da propriedade. O Eu superior que rege a consciência do ser humano, na propriedade é o próprio agricultor que atua nessa organização de forma a conduzir sua evolução e harmonia.

Durante o curso agrícola Rudolf Steiner detalhou a influência dos planetas próximos e distantes da Terra e como essas interações influenciariam a vida vegetal numa propriedade, além disto, explicou sobre a utilização e confecção dos chamados Preparados Biodinâmicos, concebidos com a colaboração de Ehrenfried E. Pfeiffer. Steiner também leva em consideração as pesquisas da Dra. Lili Kolisko, sobre as entidades mínimas e as forças irradiantes das substâncias, justificando que dosagens homeopáticas trariam à terra o impulso necessário à sua vitalidade.

Muito mais do que meramente um conjunto de substâncias bioquímicas, os preparados são a tradução de leis metafísicas reinantes no Universo, semelhantes e conhecidas pelos seres vivos e plantas, adormecidos no homem pela visão estritamente materialista.

Todo seu trabalho foi resultado da intensa observação da natureza, denominada de fenomenologia goetheana, metodologia que foi estruturada por Rudolf Steiner, baseando-se na teoria científica formulada por Johann W. Goethe sobre a metamorfose das plantas que visava estabelecer a essência de um fenômeno, buscando compreender num nível superior e intrínseco o objeto observado¹. Steiner propõe a observação abrangente e ampla do espírito da natureza em contraposição à ciência meramente material e restrita.

Os preparados foram categorizados em fundamentais para a terra e plantas, respectivamente, conhecidos pela numeração 500 (Chifre-Esterco) e 501 (Chifre Sílica) e os preparados de composto, numerados de 502 a 507 (Reguladores da atividade interna da pilha de composto e do seu exterior, em termos de microvida e energia)²



¹ Rev. Eletrônica Mest.Educ Ambiental 140-158,jan/jun 2013
² (Correia-Rickli, 1986)

Nas palestras proferidas por Rudolf Steiner ele afirmara ser premente a necessidade do uso dos preparados como “bênçãos para as mais amplas extensões da terra, para melhoria ampla e abrangente da qualidade nutricional da produção agrícola.”

O conhecimento das influências planetárias, os ritmos astronômicos, ciclos, fluxos naturais que há muito faziam parte das culturas ancestrais e dos saberes intuitivos já se perdiam, em grande parte. A agricultura biodinâmica vem enfatizar essa reaproximação: a reconexão entre o homem e a terra. Como proposta desse processo de agricultura, o despertar da consciência do homem deve se refletir na sua atuação integral na propriedade. O homem como expressão do protótipo divino, trazendo à sua produção a mesma expressão espiritual.

Além disto, a ideia da manutenção da paisagem natural de uma propriedade, modernamente tão propalada, já era apresentada por R. Steiner: “um conjunto de bosques, florestas, pomares, arbustos e pastagem seriam essenciais para a prática da boa agricultura”, favorecendo assim, a biodiversidade de espécies na localidade.

A compostagem, adubação verde, rotação de culturas associadas ao uso dos preparados biodinâmicos, a observação das forças planetárias, não só da Lua, mas de todos os planetas como governantes de aspectos formativos específicos para cada ente vivente na Terra são preconizadas por ele. Anos mais tarde, uma agricultora alemã, chamada Maria Thun, viria a criar o Calendário Agrícola Anual, baseado em sua pesquisa sobre a influência dos astros na agricultura, apicultura, panificação e previsão do tempo, que viria a se tornar o calendário agrícola mais popular no movimento biodinâmico³. Ela também, criou um concentrado de esterco, denominado de “Fladen”, para facilitar a utilização dos preparados em campo, com mais frequência.

Modernamente, estudos realizados na Alemanha e Inglaterra (Deffune, 1993) demonstram que os alimentos produzidos com os preparados biodinâmicos e orgânicos duram mais que os vegetais convencionais; Piamonte (1996) e Sponchiado (1993) apresentam estudos comparativos entre cenouras e maracujás de origem

biodinâmica e de origem convencional e atestam que no primeiro sistema, além da durabilidade do alimento, ocorreu aumento de produtividade. O trigo biodinâmico apresentou maior quantidade de enzima alfa-amilase e de açúcar total, resultando numa variedade de trigo com maior qualidade para panificação. (Raupp-1996)⁴. Estudos comparativos realizados em 2011, também indicam maior presença de flavonóides, antocianinas e atividade antioxidante nos alimentos de produção biodinâmica, em relação a produção convencional e orgânica⁵, além de maior concentração de ácido gama-aminobutírico (GABA), neurotransmissor que afeta a cognição, memória e estados de ânimo, ou seja, já se pode demonstrar que são alimentos com maior vitalidade, que geram manutenção de saúde, permitindo florescimento de capacidades inerentes ao ser humano equilibrado e resiliente. Potencialidades curativas da terra, para a terra, e para o homem, em sintonia.

Em última instância, o que fascina na proposta de Rudolf Steiner com a utilização da Agricultura Biodinâmica é que ele deseja e antevê, que o alimento não deve servir de carga nutricional vazia resultado apenas de uma produção meramente quantitativa; a produção desejada por ele é aquela em que a planta e seu fruto, também alcancem sua expressão essencial, trazendo ao homem que se alimenta deles uma fonte de nutrição “espiritual”.

Coesão, observação, organização, intuição e consciência! O homem presente e atuante no fluxo cósmico integrado a todas as formas de vida, enxergando com os olhos de sabedoria, vivificando a terra como organismo que também faz parte dele.

É este o desejo da prática da Agricultura Biodinâmica! ■

3. Calendário Astronômico/ Agrícola Biodinâmico, Texto de Apresentação, Pedro Jovchelevich

4. Alimentos Orgânicos - Ampliando os conceitos de Saúde Humana, Ambiental e Social.

5. Palestra proferida por Valeria Paschoal, do Centro de Nutrição Funcional, na Feira de Empreendedores-Sebrae -2018. Outras obras consultadas: Koberwitz, Pentecostes 1924, Peter Selg; Fundamentos da Agricultura Biodinâmica, Oito Conferências proferidas por Rudolf Steiner, transcritas por Marie Steiner- Von Siviers

“A Natureza
é um conjunto...
ao tratar de
plantas
precisamos,
portanto,
não
somente
erguer os
olhos para
os elementos
vegetal,
animal e
humano,
precisamos
consultar o
Universo
inteiro.”

Rudolf Steiner

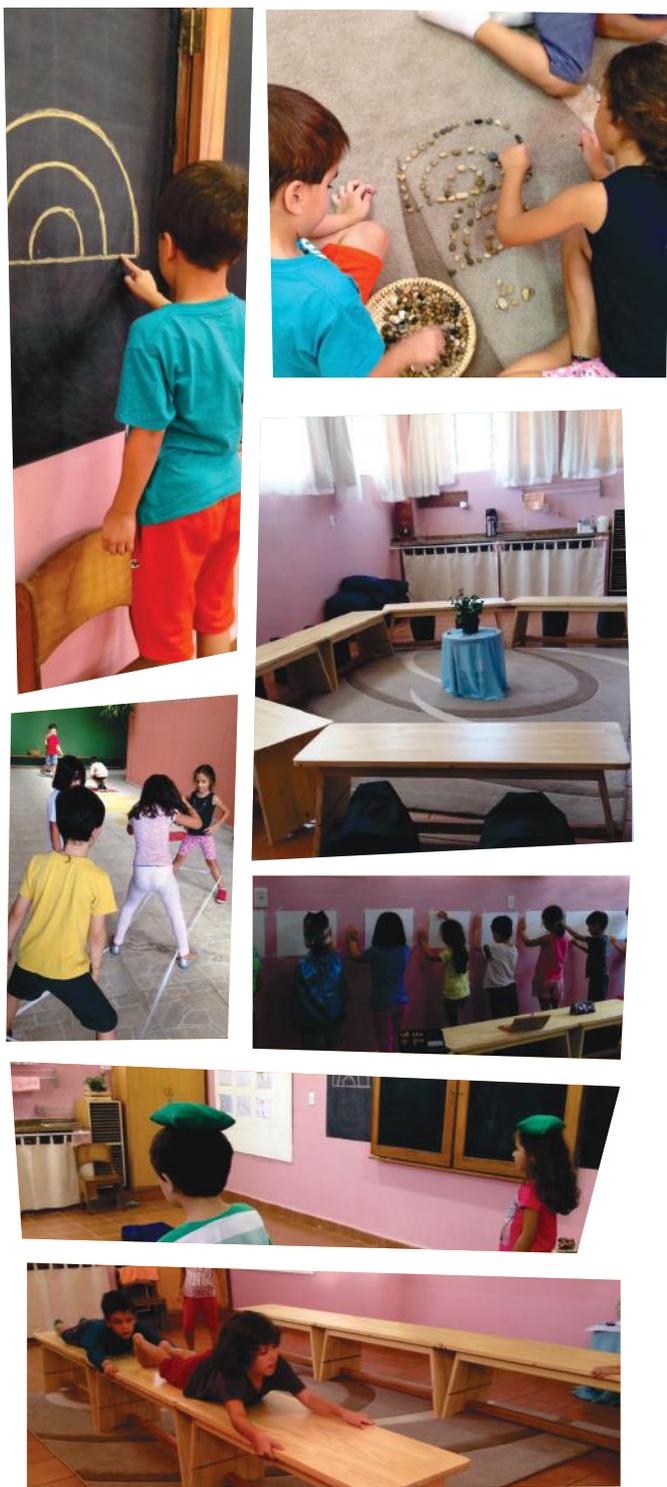


ACONTECEU NA FRANCISCO

SALA MÓVEL

o aprender em movimento

por Fernando Andrade | Fotos: Thiago Borazanian



Saem as tradicionais mesas e cadeiras e entram bancos de madeira e almofadas. Neste ano, o primeiro ano da EWFA iniciou o projeto da Sala Móvel. A proposta vem sendo estudada desde 2014, quando a professora Patrícia Sigl conheceu o trabalho do professor alemão Martin Carle no curso Sala de Aula em Movimento. A ideia é transformar a sala de aula num ambiente que proporciona o aprendizado por meio de movimentos internos e externos de alunos e professores. Tudo isso associado a uma mobília que auxilia esse processo e proporciona possibilidades criativas e desafiantes. “Percebemos que mesmo com um trabalho muito bonito feito no Jardim da Infância, muitas crianças chegavam despreparadas para o trabalho da alfabetização e do aprender. Os quatro sentidos inferiores (do movimento, o vital, o equilíbrio e o tato) que contribuem para o desenvolvimento do primeiro setênio, não estavam completos”, avalia Sigl. Esse é um dos motivos que a incentivaram a desenvolver o projeto.

Outro aspecto da Sala Móvel é a forma como se organiza o dia a dia da sala de aula. No primeiro ano as crianças começam a criar hábitos de trabalho e esse ambiente incentiva a autonomia delas. O mobiliário está disposto de forma com que as crianças se movimentem e ganhem autonomia. “O professor dá um comando, como por exemplo, a abertura dos cadernos. A diferença é que são elas que vão buscar o caderno. O professor não o distribui. É uma prontidão para o trabalhar”, explica Sigl.

A sala foi totalmente modificada. Foram adquiridos bancos de madeira que podem ser utilizados de diversas formas, inclusive para o brincar. O mesmo acontece com as almofadas específicas para as crianças. E um grande tapete também faz parte do ambiente. Todas as mudanças no mobiliário são feitas pelas crianças. O professor é quem dá o comando e tudo se modifica de acordo com a proposta de cada um. “Elas desenvolvem equilíbrio, habilidades motoras, além da motricidade global até a fina”.

Todo início e fim das atividades na Sala Móvel são realizadas em roda. Patrícia Sigl aponta que com a formação de uma roda todos falam e todos ouvem: “Na roda os alunos aprendem a ouvir os outros e todos têm o momento de fala. É também o formato ideal para resolver socialmente seus conflitos”.

Todos os professores de matéria estão se adequando desde o início desse ano para os trabalhos no novo ambiente. Todas as quintas-feiras eles se reúnem para discutir como vão inserir movimentos em suas atividades. O projeto de implantação foi definido em conjunto com as professoras Paula Cristina Reinheimer (1ºW) e Patrícia Sigl, Diretoria Executiva e a Governança. ■

ACONTECEU NA FRANCISCO CARNAVAL

Fotos: Thiago Borazanian



NAFUNÇÃO

Afeto e dedicação há 22 anos: a história de Lourdes Freitas

por Fernande Andrade | Foto: Monike Dutra



Lourdes Freitas nasceu em Carutapera no Maranhão. Durante sua infância a cidade tinha apenas cinco mil habitantes e as escolas ofereciam estudo somente até o ensino fundamental. A convite de uma tia que morava em São Paulo, Lourdes tomou a decisão que mudara sua vida pra sempre. Mudou-se para a Capital. Ela tinha apenas doze anos. Trabalhou, estudou e se formou em Administração e Recursos Humanos. Depois de dez anos trabalhando num banco e após engravidar da primeira filha, Rafaela, ela sabia que seria difícil voltar para o mercado financeiro. Era o ano de 1996. A partir das boas coincidências da vida, Lourdes recebeu o convite para trabalhar na Escola Waldorf Francisco de Assis do seu então chefe no banco: Gourville Seignemartin, irmão da professora Denise, de Euritimia. Os três filhos de Seignemartin estudavam na EWFA à época.

Lourdes pensou, conheceu os detalhes da pedagogia Waldorf, avaliou as distâncias, fez as contas e decidiu aceitar. Em abril de 1997 ingressava na Tesouraria. “Sair de um ambiente como o mercado financeiro e ir para uma escola como a Francisco de Assis foi muito diferente. O começo não foi fácil. Mas com o tempo me deparei com um ambiente acolhedante cercado por pessoas acolhedoras” relembra ela.

A filha Rafaela ficou do maternal ao 12º ano na escola. Ela se formou em 2015. Hoje faz Psicologia e estuda para cursar medicina. O filho mais novo, Gabriel, teve a mesma trajetória dentro da escola e hoje está no 12º.

“Sinto muito orgulho de ver minha filha após ter saído da Waldorf com uma visão de mundo e uma percepção sobre o outro que poucos têm. Hoje ela sabe a importância do trabalho em equipe e se dedica muito mais à cooperação do que à competição”. Gabriel ainda não decidiu qual profissão quer seguir, mas também está extremamente satisfeito com sua trajetória. “Ele está na fase do teatro e chega em casa todo dia tarde, cansado e feliz”, ressalta.

Lourdes também acrescenta que o Teatro para o dois serviu para um melhor amadurecimento pessoal e agregou muito com relação ao trabalho coletivo. “Todos saem do Teatro mais maduros”.

Depois de 22 anos à frente da Tesouraria da Francisco de Assis, Lourdes Freitas faz questão de agradecer o tratamento afetivo que teve de todos durante esse período. “É um orgulho e um privilégio fazer parte dessa Escola. Após 22 anos ainda tenho muito com o que contribuir aqui”, finaliza. ■

VIDA EM VERSO

“ Em relação a todos os atos de iniciativa e de criação existe uma verdade fundamental cujo desconhecimento mata inúmeras ideias e planos esplêndidos; - a de que no momento em que nós nos comprometemos definitivamente, a providência divina move-se também. Toda espécie de coisas ocorre para ajudar-nos, que de outro modo não teria ocorrido. Uma corrente de acontecimentos brota da decisão, fazendo surgir a nosso favor toda sorte de incidentes, encontros e assistência material com que nenhum homem sonharia que pudesse vir ao seu encontro. O que quer que você possa fazer ou sonhar que possa, faça-o! Coragem contém genialidade, poder e magia.

Comece-o agora! ”

W.Goethe

AGENDA

ABRIL

06 | Sábado Esportivo

18 a 19 | Semana de Páscoa

22 | Pascoela - Recesso

21 | Tiradentes

27 | Passeio Ped. Educ. Infantil

MAIO

01 | Dia do Trabalho

11 | Festa Semestral

25 | Passeio Pedagógico

JUNHO

15 | Festa da Lanterna

20 | Corpus Christi

21 | Recesso

29 | Festa Junina



**Escola Waldorf
Francisco de Assis**

